

RUBEM BRAGA

NOTA

A PARECEU uma editora nova, «Alvorada», que começou por cima, editando um livro de crônicas de Manuel Bandeira sob o título, que me dá muita inveja, de «Fruta de Papel». Anuncia para depois «Poesia», com toda a obra poética de Vinícius de Moraes, «Os subterrâneos do Rio de Janeiro», curiosíssimo livro de Stanislaw Ponte Prêta, também conhecido por Sérgio Pôrto, filho natural de Copacabana e o mais carioca de todos os cronistas chamados frívolos; para mais tarde ainda um livro de «Crônicas Escolhidas» de Antônio Maria e um novo livro de Vão Gôgo. A editora, me parece, é de Irineu Garcia, aquêle que edita discos de poesia com Carlos Ribeiro e que por sinal lançou ontem um disco de Pablo Neruda; quem escólhe os livros é Paulo Mendes Campos, garantia de bom gosto.

Recebi e agradeço, o número 12 de «O Archote», jornal escolar de Cachoeira do Itapemirim e também um desenho do canto de praia de Maratáises, que me deu saudades. Mas estou num desses dias em que o cronista não tem nada à dizer, não porque não esteja sentindo nada, mas porque é indizível o sentimento que mora em seu peito. Quero ser magnânimo com os leitores no lugar de entristecê-los com meus aís, vou gratificá-los com um trecho de crônica do livro de Manuel Bandeira.

O poeta conta as queixas de um amigo escultor — deve ser Celso Antônio — sobre a dificuldade de encontrar modelos no Brasil:

«Os jornais são muito puritanos, não aceitam anúncio redigido assim, por exemplo: «Precisa-se de uma môça, de dezoito a vinte anos, com tipo indígena, para modelo de escultura». O recurso é anunciar: «Precisa-se de uma empregada, para serviços leves». E quando a candidata se apresenta e têm condições para modelo, explica-se com ela. As vezes vêm aqui umas, tão brucas, que, quando põem a vista nestas cabeças, ficam apavoradas e fogem. Outras recusam-se a despir-se. De uma feita, uma delas despiu-se, era um modelo esplêndido, tratei tudo com ela, fiquei feliz. Farei, afinal, a minha fonte! disse comigo. Pois na manhã seguinte ela apareceu para dizer que estava o dito por não dito, que ela tinha vergonha de pôsar.

— Mas você ontem não se despiu para mim? Como é que têm vergonha?

— Ah, mas ontem foi um instantinho. Muito tempo eu tenho vergonha».